

EDUCAÇÃO POPULAR NA ESCOLA PÚBLICA: O VALOR DA ORIGEM E CULTURA DOS INDIVÍDUOS.

Autor: Elizane Pegoraro Bertineti¹ - E.M.E.F.Dom Pedro II/ UFPEL

Co-Autores: Ana Lúcia Vergara Pereira² - APAE

Neiva Afonso Oliveira³ - UFPEL

Grupo 4: Organização do Trabalho Pedagógico nas Escolas Públicas na Educação Básica

Resumo: O presente trabalho aborda a realidade uma escola municipal do município Canguçu, situada em uma realidade de limite entre o meio rural e urbano, onde se pode considerá-la uma escola rururbana, devido a sua localização e também a clientela a qual atende, o mesmo buscou conhecer a origem das famílias desta instituição e também debater alguns motivos da mudança de um número elevado de famílias para a zona urbana e frente a estes dados levantados buscou-se também discutir a importância da concepção de Educação Popular neste contexto.

Palavras Chaves: Educação Popular, Abandono do Campo, Fazer Pedagógico.

1. Introdução:

O presente texto aborda as análises feitas sobre os dados levantados em uma pesquisa realizada em uma Escola Municipal de Canguçu/RS, estes dados proporcionaram o conhecimento da origem das famílias desta instituição, bem como conhecer um pouco dos anseios destes indivíduos e as profissões que os mesmo exercem no meio em que vivem.

Em análise destes dados e baseados nestas informações procuramos discutir a concepção de educação popular e as possibilidades e entraves deste trabalho na instituição analisada, bem como em nossas escolas públicas de uma forma geral.

Levando em consideração o contexto da escola observada, que se localiza na área limítrofe entre campo e cidade e também a realidade municipal levantada em pesquisa

¹ Graduada em Pedagogia – UFPEL (2006). Pós – Graduada em Gestão Escolar. Mestranda do PPGE em Educação da FaE/UFPEL: e-mail: elizane81bertinetti@hotmail.com

² Graduada em Pedagogia – UFPEL (2006). Pós – Graduada em Gestão Escolar. Professora da Rede Municipal de Canguçu/RS: email: ana.lucia.vergara@gmail.com

³ Professora Adjunto da FaE/UFPEL: e-mail: neivaafonsooliveira@gmail.com

realizada na SMEE, buscamos abordar algumas questões relativas às possibilidades de uma educação baseada nos princípios da concepção de educação popular na escola pública.

O texto pretende também apontar os entraves e possibilidades de uma concepção de Educação popular dentro das escolas públicas, levando em consideração a realidade cultural voltada para o campo, mesmo em uma escola considerada urbana.

2 Breve Histórico do Município abordado na pesquisa: Localização, situação atual e Formação Étnica.

O Município de Canguçu tem seu nome de origem indígena, está situado na Serra do Sudeste, região Sul do Rio Grande do Sul, fazendo limite com oito municípios, sendo: ao Norte com Encruzilhada do Sul, Amaral Ferrador e Cristal, ao Sul com Cerrito, a Leste com Morro Redondo, Pelotas e São Lourenço e a Oeste com Piratini. Em termos de acesso aos outros pontos do estado ele cortado pela BR 392, chamada estrada da produção, que liga Pelotas a Santa Maria, também tem acesso pela RS 471 que liga Canguçu a Encruzilhada do Sul e RS 265 que liga Canguçu a São Lourenço, sendo que este município distancia-se 310 da capital do estado, Porto Alegre.

Este município possui uma área de 3.525, 309 km² e uma população de 53.259 habitantes, sendo que destes 16.694, residem na Zona Urbana e 33.565 residem na zona Rural, sendo então registrado um total uma densidade 15,11 hab/km² (Fonte: IBGE/2010), sendo que esta população está distribuída em cinco distritos, sendo que a sede municipal situa-se no primeiro distrito.

A população de Canguçu tem em suas origens de descendência Germânica, Italiana, Negra e Portuguesa, onde a maioria tem descendências das famílias que para cá vieram quando por aqui foram distribuídas as chamadas sesmarias (1777), já que Canguçu como outras regiões do estado sofreram com luta entre Portugueses e espanhóis pela posse da terra (Fonte: Confederação Nacional dos Municípios).

No período mencionado anteriormente a economia do município baseava-se na pecuária e havendo o início da agricultura nesta área, hoje o município tem sua economia basicamente na agropecuária, que ocupa grande parte da população que gera a maioria da renda municipal. Analisando as atividades praticadas neste campo podemos salientar o rebanho ovino, suíno, avicultura, pecuária leiteira e a pecuária de corte.

No que tange produção agrícola fica evidenciado a plantação de fumo hoje como grande fonte de renda nas colônias do município sendo que a plantação chega à média a 3800 hectares. A produção de milho abrange 35000 hectares. Seguem-lhe, em ordem de importância o feijão (8750 hectares), a soja (15000 hectares) e pêssego (3000 hectares).

O município de Canguçu é considerado o menor minifundiário da América Latina em quantidade de pequenas propriedades, pois o mesmo conta aproximadamente com 12.580 pequenas propriedades cadastradas no INCRA, sendo que estas propriedades variam entre 3 a 60 hectares de terras.

É preciso ressaltar ainda que há uma grande dependência do meio urbano em relação ao meio rural, pois os alimentos, as matérias primas para o uso urbano é todo essencialmente produzido no campo e sendo que cerca de 60% da população vive na zona rural e planta em suas propriedades é visível que a economia do município assegura-se em grande parte na arrecadação de taxas e impostos sobre a produção agrícola do município, onde podemos citar o fumo como um dos principais produtos de arrecadação.

Frente a todos os dados levantados a cerca do município é notável que as pequenas propriedades, de agricultura familiar, são a grande maioria e isso também nos traz o questionamento sobre o porquê tantas pessoas abandonam estas propriedades para viver na cidade. Com base na realidade salientada, se faz necessário discutir sobre a importância destas propriedades, como desenvolvê-las de forma que estes cidadãos possam obter a tão sonhada realização sem sair das suas origens, porém estas são questões que vão além de nossos olhos, abrangem diversos setores da sociedade e envolvem principalmente discussões de cunho político.

No que se refere a estas pessoas que migraram para cidade em busca de melhores condições, cabe a escola como um agente social de grande importância agir junto a estas famílias como um espaço aberto, que seus saberes e sua cultura possa ser valorizado também fora de suas origens, pois caso contrário esta massa continuará oprimida, sem vez e sem voz e novamente ficará travada para obter as mudanças de vida que almejam.

3 A Realidade Educacional do Município, alguns levantamentos

De acordo com os dados disponibilizados pela secretaria municipal de Educação em Junho de dois mil e onze, o Município conta com 36 escolas, sendo 25 na área Rural e 11 na Área Urbana, atendendo atualmente na rede municipal de ensino um total de 6.179 alunos,

sendo que deste total, 3951 estão lotados em escolas da zona rural e 2228 estão lotados nas escolas da zona urbana. Para trabalhar com este alunado a Secretaria Municipal de Educação conta com um quadro de 492 professores, sendo que destes 378 atuam na zona rural e 114 na zona Urbana.

Segundo a pesquisa realizada juntamente com as supervisoras da SMEE do município, todas as escolas possuem diretora com habilitação específica para o Cargo e que para exercer esta função é necessário pertencer ao quadro de carreira do Magistério Público Municipal, devidamente aprovado e nomeado em concurso público, há pelo menos dois anos e habilitação específica para as atividades de gestão ou especialização em Gestão Escolar. Também a mesma equipe informa que a escolha de diretores não é realizada por eleições, pois o município teve aprovada uma lei para eleição de diretores, a qual, logo após, foi declarada inconstitucional, pois as escolhas destes cargos é prerrogativa do chefe do poder executivo.

O sistema de avaliação do município foi alterado no ano de dois mil e dez, sendo que foi criado o novo Regimento Municipal, onde a avaliação acontece através notas, sendo que no regimento anterior de 1999 a 2009, o sistema era de ciclos e o registro da avaliação era feito através de pareceres descritivos, neste período houve algumas alterações na forma de avaliação, mas ela permaneceu em ciclos até dois mil e nove e mantendo o registro do crescimento do aluno através de pareceres.

Outro ponto analisado foi o currículo, sendo que foi constatado que existe um currículo único para todo o município, que foi elaborado pela Secretária Municipal de Ensino e um grupo de professores divididos em suas respectivas áreas ou anos de atuação, sendo que não há diferenciação entre o currículo das escolas rurais e urbanas.

Observando os dados levantados junto a esta secretaria, observa-se uma realidade municipal rural, já que a maioria das escolas, dos professores e alunos está inserida no meio rural, porém também é questionável o fato de que nem todos os alunos urbanos têm sua origem centrada neste meio, já que a maioria das pessoas que hoje na cidade vivem tem sua descendência do meio rural.

4 Contextualizando a pesquisa realizada na Escola

A escola a qual foi observada e pesquisada durante a elaboração do trabalho denomina-se Escola Municipal de Ensino Fundamental Dom Pedro II, está situada na Rua

Tenente Edgar Werhli 1208, Bairro Isabel, sendo este bairro situado na periferia mais precisamente como limítrofe entre a zona rural e urbana do município.

A escola atualmente atende um total de 223 alunos de Educação Infantil ao 9º Ano (8ª série), sendo que destes cem alunos são atendidos no turno da manhã e cento e vinte três no turno da tarde. Para tender esta demanda a escola conta com o seguinte Quadro de profissionais: Uma diretora, uma supervisora, dois Orientadores Educacionais, quatorze professores, uma bibliotecária, uma secretária, uma professora de informática, uma merendeira e um serviço gerais.

O prédio desta instituição foi ampliado recentemente, sendo que duplicou o tamanho e talvez em breve pela demanda de alunos, terá que passar por novas reformas. Hoje a mesmo dispõe de sete salas de aula, sendo que a da Educação infantil possui dois banheiros adaptados, uma banheiro feminino e um masculino para os alunos, cozinha, refeitório, biblioteca juntamente com sala de informática, secretaria, almoxarifado, sala de professores com banheiro, sala de direção e supervisão juntas, uma sala de atendimento de Orientação Educacional e o pátio é bastante amplo e fechado, mas não possui quadra de esporte e nem praça.

A escola atende hoje mais de cem famílias, sendo que a maioria reside no mesmo bairro da escola, com alunos oriundos de diversas realidades, principalmente rurais que em sua maioria apresentam dificuldades financeiras e fazem parte de uma camada da população que encontra dificuldades no que se refere a um emprego com salários dignos.

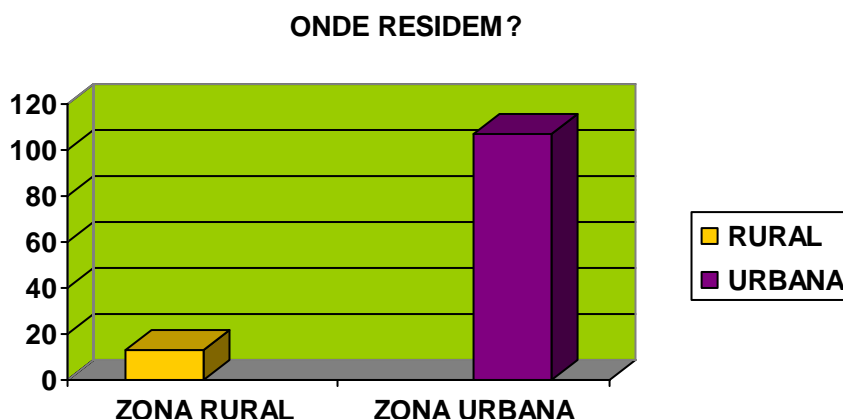
Em contato com o histórico da escola e sua formação optamos por começarmos nossa pesquisa, tendo como ponto de partida à situação dos indivíduos e para o contexto deles e procurando compreender seus motivos e anseios frente a questões que seriam abordadas, para que pudéssemos agir frente a estas pessoas, pois para FALS BORDA (1980), *pesquisa participante é a pesquisa da ação voltada para as necessidades do indivíduo e consequentemente das classes mais carentes.*

Com base na perspectiva de uma pesquisa voltada à participação dos pesquisados, durante a pesquisa realizada, foram ouvidas 120 famílias que foram representadas pelo pai ou mãe dos alunos, neste contato foram solicitados alguns dados como: sexo, local onde residiam (rural ou urbano), se sempre residiu nesta área, em caso de mudança qual o motivo, se os pais deles (avós dos alunos) já haviam morado ou ainda moram no campo e para fechar foi

questionado se preferiam o campo ou a cidade e o porquê da preferência. Estas pessoas foram ouvidas de duas formas através de entrevista direta e através de questionário.

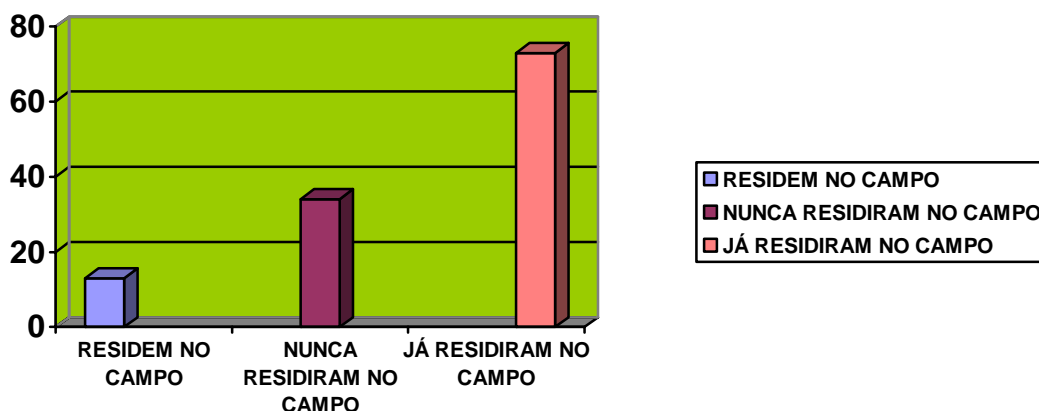
A entrevista é o procedimento mais usual no trabalho de campo. Através dela, o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais. Ela não significa uma conversa despretensiosa e neutra, uma vez que insere como meio de coleta dos fatos relatados pelos atores, enquanto sujeitos-objeto da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada. (MINAYO, 2000, p. 57)

Das 120 pessoas entrevistadas, foram ouvidas 70 mulheres e 50 homens, sendo que cada um representou uma família e forneceu os dados de acordo com suas vivências. Nos gráficos a seguir foram organizados os dados obtidos para uma melhor visualização. Nestes encontramos os dados relativos ao lugar onde residem os entrevistados, quais residiram sempre no mesmo lugar e também o número de entrevistados os quais os seus pais já residiram ou residem no campo. No primeiro gráfico está presente o demonstrativo dos dados coletados no que tange o local onde as famílias residem no presente momento.



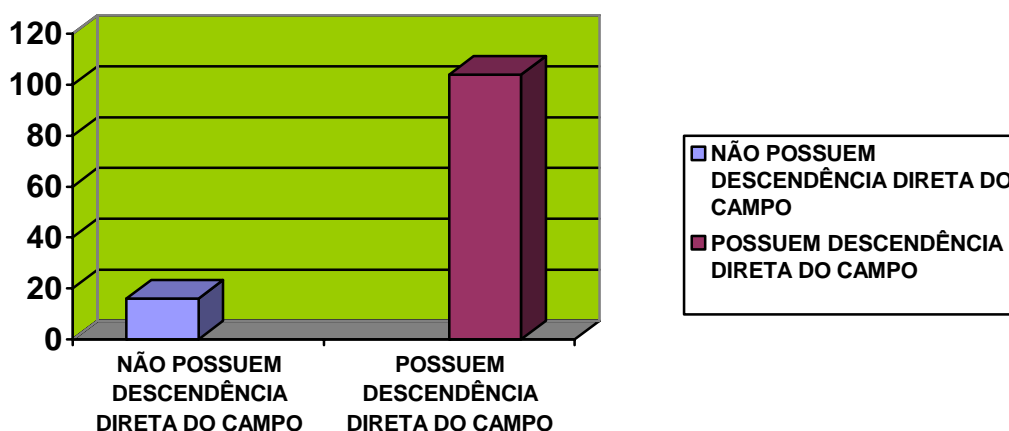
Observando este primeiro gráfico, fica evidenciado que no momento atual a maioria das famílias dos alunos, da escola pesquisada mora na cidade, mesmo esta estando situada numa região limite entre Zona Rural e Urbana, sendo que a escola há poucos anos atrás estava situada na região considerada ainda rural. No demonstrativo a seguir encontraremos outra face desta realidade, que a evidência do abandono do meio Rural para viver na cidade.

JA RESIDIRAM NO CAMPO?



Em análise ao gráfico anterior que demonstra as respostas dadas ao questionamento sobre quem já havia residido no campo, temos estes números que nos mostram que a maioria das famílias atendidas na instituição, mudou-se para a cidade em um dado momento da vida, ou seja, não são oriundos da zona Urbana, simplesmente por motivos principalmente de ordem econômica abandonaram o campo na busca de uma vida melhor, segundo as próprias colocações dos entrevistados. Já no próximo e último gráfico, analisamos a questão da descendência direta do campo, ou seja, como foram entrevistados os pais dos alunos, foi levada em consideração neste momento a descendência dos pais dos entrevistados (avós dos alunos) para que assim pudéssemos analisar quantas famílias mesmo sem ter morado no campo, tem sua descendência direta deste meio.

POSSUEM DESCENDÊNCIA DIRETA DO CAMPO?



Frente aos dados apresentados no gráfico anteriormente, chegamos à conclusão de que neste momento a clientela atendida pela instituição está quase que em sua totalidade ligada as raízes do campo, desta forma os alunos que freqüentam esta escola seja por eles, pelos pais ou avós possuem um origem campesina, com raízes neste local e principalmente com uma cultura ainda muito forte no que tange as heranças culturais do campo.

A partir da pesquisa realizada, organizamos os dados levantados e procuramos analisá-los com cuidado, procurando relacionar estes dados práticos com a teoria a qual embasa nosso trabalho. Desta forma Minayo, considera a análise final como um momento em que,

Procuramos estabelecer articulações entre os dados e os referenciais teóricos da pesquisa, respondendo às questões da pesquisa com base em seus objetivos. Assim, promovemos relações entre o concreto e o abstrato, o geral e o particular, a teoria e a prática. (MINAYO, 2000,p. 78 e 79)

Frente aos dados levantados, percebe-se que a maioria dos alunos de nossa escola bem como suas famílias possui origens do campo, são oriundos deste lugar e observando a forma de vida de muitos, sua cultura, seus conhecimentos é perceptível que grande maioria desta massa mesmo vivendo na cidade conserva alguns costumes típicos do meio rural, como por exemplo: plantam no quintal de casa, criam animais para o consumo, alguns vendem o que não é consumido e ainda encontramos indivíduos que trabalham na lavoura como empregado em outras propriedades, próximas a cidade e que tem uma produção anual maior e que a família não dá conta do plantio e colheita.

Analizando a quantidade de famílias que em algum momento abandonou a vida no campo em busca de uma vida digna na cidade, fica evidente que as transformações na sociedade e a decadência de incentivo ao campo estão diretamente ligadas a este chamado êxodo rural que enfrentamos hoje. O abandono do campo não acontece pela simples vontade de morar na cidade, mas sim pela falta de incentivo a agricultura familiar, o que faz com que as famílias vivam em constante preocupação sem saber se conseguirão negociar sua produção e ter lucros para manter-se no campo com uma vida digna.

Levando em consideração as justificativas dos entrevistados para a mudança do campo para a cidade, percebemos que muito poucos destes salientam a busca pela escola na cidade, já que este município conta hoje com escolas em todas as localidades e transporte disponível para transportar todos os alunos que necessitam. Então o que mais foi acentuado e que confirma a falta de incentivo foi que a maioria busca por emprego, acreditam que na cidade é

mais “fácil” para conseguir um trabalho e também justificam que na cidade tudo é mais facilitado. Segundo o entrevistado que largou o campo pela vida na cidade *“a cidade é melhor porque no campo as pessoas trabalham muito e ganham pouco, o trabalho rural não é reconhecido”*.

Quando escutamos este tipo de colocação, percebemos que grande parte desta parcela que veio do campo, não fez esta opção simplesmente para mudar de vida, ou seja, de certa forma foram obrigados a tomar esta decisão pelo motivo que levanta outro entrevistado que ressalta, *“prefiro a cidade porque o acesso às tecnologias é mais facilitado e no campo falta incentivo, através de Políticas Públicas que contemplem esta parcela da população”*.

Com base nesta colocação fica visível que o problema é bastante amplo e está centrado principalmente em questões políticas ou a falta delas que acabam por entrar o desenvolvimento econômico do campo e consequentemente dando força para esta migração do campo para a cidade.

Outro ponto importante é o fato de que a maioria entrevistada não menciona o trabalho pesado como o principal entrave para se permanecer no campo, de acordo com eles e representados na deste entrevistado, *“a cidade, acho melhor, pois na cidade temos salários todos os meses e no interior é uma vez por ano”*, ou seja, lamentam e clamam, pois recebem somente na safra, uma vez por ano e quando se tem uma boa produção ou se acha com quem negociar o produto, sendo assim lamentam é a insegurança financeira em que o povo do campo vive.

São extremamente relevantes as respostas dadas sobre a profissão que exercem na cidade, pois como mencionado anteriormente a maioria desta população que migra vive na periferia da cidade e no que se refere ao tipo de função que exercem no trabalho, na sua maioria são funções de baixa remuneração, trabalhos pesados e a maioria não exige escolarização, já que estas pessoas mudaram-se para a cidade com o intuito sempre mencionado por eles de arrumar um trabalho com salário certo, seja ele baixo ou não. De todos os entrevistados as profissões mais citadas foram: dona de casa, pedreiro, doméstica e além dos que vivem no campo, ainda encontramos na cidade alguns pais de família que se mantêm no trabalho como empregados na agricultura ou plantando em propriedades próxima, vindo somente para cidade para que a esposa possa trabalhar de doméstica e com salário garantido.

Em análise destes dados percebe-se que estes indivíduos estão conformados com sua situação e não percebem que podem mudá-la, que podem buscar formação, agir frente à situação que lhes apresentam, pois estes indivíduos convivem com uma situação que disfarçadamente lhes foi imposta no momento que não receberam o incentivo que necessitavam para permanecer em suas origens, por isso lembramos Paulo Freire (1980) que diz “*Conscientização é igual a profundidade*”, ou seja estas pessoas precisam dar-se conta da realidade, questionar, refletir sobre a própria condição, conhecer e refletir sobre sua própria histórias e suas origens, percebendo os reais motivos que os trouxeram a esta condição atual. Somente através da conscientização estes sujeitos poderão reconhecer-se como sujeitos históricos e valorizar suas vivências dentro do processo histórico e para alcançar esta conscientização é preciso falar com o povo e não para o povo, refletir sobre a ação e levar em consideração o capital cultural (FALS BORDA, 1980) destes indivíduos.

Neste sentido falar em educação é algo bastante abrangente, já que ela acontece em todos os espaços nos quais estamos inseridos e através da educação e da escola podemos criar estes espaços para que estes sujeitos tomem consciência da situação em que se encontram e possam assim agir, tomar consciência da situação para lutar pela libertação, pois esta só acontece a partir da consciência política, pois não há educação neutra, toda Educação é em si Política (PAULO FREIRE, 1980), com base nisso o sujeito precisa ser valorizado bem como seus saberes para que ele vença a desumanização, pois esta educação libertadora é sim revolucionária e precisa ser fundada na base do diálogo.

Por estas razões e concepções este processo de luta, que é também um processo revolucionário não pode ser visto de forma individual, é um processo coletivo, onde precisa haver o diálogo para a compreensão da realidade e assim os sujeitos possam tornar-se agentes ativos na construção e compreensão da sua própria história de vida, pois para Paulo Freire:

Isto é um processo que constrói um movimento contínuo de ação transformadora onde as pessoas caminham em comunhão, na busca da humanização. No desenvolvimento da crítica crescente, a distinção entre os dois mundos: o da natureza e o da cultura e o papel ativo do homem, tornando-se protagonista da sua realidade. (Paulo Freire 2003. p.164).

De acordo com a contextualização apresentada, sabendo que se evidencia uma realidade de escola que é contemplada por uma clientela oriunda do campo, uma massa oprimida pela necessidade de abandonar suas origens para “melhorar de vida”, percebemos a importância de a escola ter sensibilidade de observar e saber trabalhar com este “povo”,

oferecendo oportunidade, voz e vez a estas pessoas que estão inseridas neste meio. Assim ressaltamos a necessidade de um trabalho voltado e caseado nas perspectivas de uma Educação do Popular, pois a emergência desta concepção de educação pode e deve ser associado ao fato das classes populares existirem e as condições precárias de vida. (PALUDO, 2001).

Porém é perceptível que a escola precisa estar preparada e disposta a este enfrentamento, pois lutar junto a esta camada, mostrar que eles podem poder (VALE,1996), causa um desconforto no que tange as questões políticas nas quais a escola está envolvida e por isso todos os envolvidos precisam estar cientes de suas efetivas responsabilidades ao assumir este compromisso com o “povo”. Estas disputas de espaço ultrapassam os muros da escola, são discussões muito abrangentes que podem interferir em muitos interesses das classes mais favorecidas e que não compreendem e não buscam compreender o movimento desta massa, pois este movimento não vem ao encontro dos interesses dos que possuem o poder.

A Educação pode agir de forma a refletir sobre o cotidiano, bem como também no processo de busca de possibilidades, pois segundo PALUDO:

A educação assume a forma de uma ação reflexiva num duplo sentido. De um lado, ela permite a ação de reflexão sobre o cotidiano viabilizando a síntese cultural na formulação do tema (o percebido - destacado) e o processo de aprofundamento ou de estudo e, de outro facilita o processo de conformação de novas sínteses na verificação de possibilidades, encaminhando para ações de resolução das situações – limite, em direção ao inédito – viável (Paludo, 2001, p.65)

Na perspectiva de educação popular, o sistema precisa ser aberto, partindo da observância da realidade, é preciso dar significado a existência do sujeito, levar em consideração as condições sociais, econômicas e políticas dos indivíduos que estão envolvidos neste processo de educação para que através destas significações eles possam buscar a dignidade e liberdade, pois a Educação popular vai além dos muros escolares, ela ultrapassa as barreiras, é a Educação da Vida e na vida, é análise e compreensão do real na busca de novas possibilidades.

5 Educação Popular na Escola Pública

Falar em Educação Popular exige que tenhamos clareza que esta conquista exige um processo de luta, precisamos de atitudes para que possamos lutar e conquistar por uma educação popular dentro da Escola Pública, porém precisamos estar cientes de que esta busca pela libertação não anula a importância dos conteúdos escolares e de acordo com Freire a busca do conhecimento programático é o ponto de partida para o diálogo, sendo que estes não podem ser escolhidos por uma ou outra pessoa, pois estes devem sim ser elaborados, mas com consideração nas aspirações e conhecimentos prévios dos educandos, ou seja, devemos buscar um equilíbrio, pois para GRAMSCI, “*o desenvolvimento da capacidade de trabalhar manualmente (tecnicamente, industrialmente) e o desenvolvimento das capacidades de trabalho intelectual*” (Gramsci, 1978, pág 118)

Levando em consideração esta escolha e trabalho com os conteúdos programáticos, fica-nos claro que os professores precisam estar cientes do seu papel enquanto agente mediador destas discussões que irão permear não só a escola, como o entorno dela também, neste ponto voltamos a questão da importância da formação dos profissionais, para que possam ter a compreensão do seu papel dentro desta instituição, pois precisam ter uma postura diferenciada, já que não serão mais neste espaço os únicos detentores do saber, e isso gera um conflito, pois nem todos estes profissionais se reconhecem enquanto seres inacabados, nem tem consciência da dimensão do seu trabalho. No entanto, Freire deixa claro o quanto o entorno, o saber teórico e prático são importantes na formação dos professores.

A formação dos professores e das professoras devia insistir na constituição deste saber necessário e que me faz certo dessa coisa óbvia, que é a importância inegável que tem sobre nós o contorno ecológico, social e econômico em que vivemos. E ao saber teórico desta influência teríamos que juntar o saber teórico-prático da realidade concreta em que os professores trabalham (FREIRE, 1996, p.155)

Sabemos que muitos são os aspectos que envolvem a discussão de uma Educação Popular dentro da Escola Pública, sabemos da importância de tal concepção no processo de valorização dos indivíduos, bem como de seus saberes e sua cultura e precisamos estar cientes de que a escola não é a única alavanca da transformação radical da sociedade, porém ocupa uma função importante neste processo de transformação (VALE, 1996).

Deparamos-nos diariamente com vários empecilhos que procuram entravar o trabalho dentro das instituições, mas os professores progressistas precisam estar cientes das dificuldades que irão enfrentar quando optam por entrar nesta luta, temos limites nestes espaços e precisamos estar atentos a estes limites para que possamos conhecê-los, já que

buscam de fato a construção da Escola Pública Popular. E para estes limites Celso Beisiegel alerta,

“é possível fazer uma Educação Popular na Escola Pública, porém é claro que tem seus limites. É preciso avançar com a ação e muita sensibilidade para saber quais são os limites” (BEISIEGEL, 1987).

Se ficarmos discutindo tão somente os entraves, que são inúmeros, talvez, deixaremos de perceber as possibilidades de realizar uma educação na perspectiva popular dentro de nossas escolas públicas, precisamos no primeiro momento estar aberto ao diálogo, sendo que este deve ser feito entre o homem e sua realidade, pra que chegue a alguma transformação. De acordo com VALE:

A relação dialética do homem com a realidade é que vai possibilitar a gestação de uma educação que, em sendo transitória, busca incessantemente um novo saber, uma nova qualidade de aprender, fundamentada na criticidade, na problematização, no questionamento, condições essenciais a uma ação transformadora. (VALE, 1996. Pág 71)

Este diálogo só acontece mediante a análise e consideração da realidade, dos acontecimentos que permeiam as relações que se estabelecem no campo educacional, é preciso observar as origens dos educandos, quais foram seus processos de mudanças, pois nada é fixo, tudo está em constante movimento e no que tange a Educação não é diferente, por isso concordamos com Paulo Freire que diz que “*a realidade não é isso ou aquilo, ela está sendo*” (Freire, 1987).

Desta forma e levando em consideração todas as questões e dados levantados até aqui, cada vez mais percebemos a importância do professor neste processo de agir a favor das classes populares dentro da escola burguesa e de acordo com VALE,

O professor comprometido com a Educação Popular deve atuar enganando-se no interior da escola burguesa, pela transformação dessa escola e da sociedade. A escola não é um corpo isolado e ela deve ser vista como um palco de uma dimensão da luta de classes. (Vale, 1996. Pág. 76)

Esta mudança de pensamento principalmente por parte dos profissionais da educação, demanda tempo, como toda mudança social. As possibilidades existem, dentro da escola pública é possível termos uma educação voltada aos interesses das camadas populares, que advém das diversas camadas da sociedade, enfrentamos e ainda enfrentaremos muitos

empecilhos, porém com fundamentação teórica e ação prática é possível ultrapassar os limites impostos e encontrar caminhos possíveis.

6 Considerações Finais:

Talvez não possamos nos remeter a este espaço como um momento de considerações finais, já que esta discussão a cerca da Educação Popular com certeza não se esgota, muitos debates surgiram e ainda outros surgirão na busca da efetivação desta concepção de educação, dentro das nossas instituições públicas de ensino.

A cada leitura, pesquisa ou discussão nos remete a outras inquietações que vão surgindo e nos levando a repensar o nosso fazer pedagógico, buscando sempre contemplar as camadas populares, analisando sua realidade e procurando abordar seus conhecimentos e anseios como ponto de partida no trabalho com os alunos oriundos desta parcela da população.

Não podemos pintar esta prática voltada às possibilidades desta concepção de educação como algo fácil, pois as mudanças são lentas, na maioria das vezes estamos sozinhos em nosso território de atuação e como ser humano que somos precisamos de apoio, pois em vários momentos os entraves, principalmente de ordem política buscam tirar a nossa força e como já foi dito anteriormente a luta coletiva é sempre mais forte e intimida os detentores do poder que percebem a força dos movimentos organizados e em alguns momentos utilizam à estratégia de recuar, sendo este o nosso ponto de avanço.

Na pesquisa realizada com as famílias evidenciou-se uma realidade de escola com clientela oriunda do campo e que se instalou na periferia da cidade, trabalhando muitas vezes em condições precárias e sem vislumbrar grandes mudanças, sendo que as possibilidades existem, mas o que falta a intervenção direta da escola de forma a mostrar a estes sujeitos a sua importância quanto sujeito histórico que pode discutir e buscar meios de fazer mudanças de forma individual e coletiva.

Provisoriamente concluímos que o envolvimento de pessoas dispostas a lutar por uma sociedade mais justa e humana, continua sendo muito necessário e possível. No entanto, precisamos cada vez mais procurar na história, teorias, práticas e possíveis caminhos de real transformação da nossa sociedade, procurando assim dar vez e voz as camadas populares de forma ampla e também organizada, pois onde existir esperanças há a possibilidade de

mudanças, mas não uma esperança vazia, sem sentido, sem foco, porém uma esperança fundada em objetivos concretos e objetivos claros que levem a verdadeira libertação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

FALS BORDA. **Aspectos teóricos da Pesquisa Participante: Considerações sobre o significado e o papel da ciência na participação Popular.** In: BRANDÃO. Pesquisa Participante. 8ª Ed. SP: Brasiliense, 1980.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 37. Ed., RJ: Paz e terra, 2003.

_____. **Conscientização: Teoria e Prática da Libertação.** Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

_____. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GRAMSCI, Antonio. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura.** 2 ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 7. ed. São Paulo: Hucitec – Abrasco, 2000.

PALUDO, Conceição. **Educação popular em busca de alternativas: uma leitura desde o campo democrático popular.** - Porto Alegre: Tomo Editorial; Camp 2001.

VALE, Ana Maria do. **Educação popular Na Escola Pública:** Cortez, 1996.